

OS AMORES DE DANTE: UMA ANÁLISE DE *VITA NOVA* E *COMMEDIA*

Letícia Cristina de Alcântara Rodrigues (FL/UFG)
letycrys@gmail.com

RESUMO: É inegável o fato de Dante Alighieri ter sido um homem apaixonado. Foi enamorado de sua terra, de seus ideais e de Beatrice. A "nobilíssima alma", como chama sua dama, tornou-se o *leitmotiv*, de sua vida e de sua obra, a ela dedicando seus versos, reunidos em seu primeiro livro, intitulado *Vita Nova*. Voltaria a falar de Beatrice, conforme declara no final do seu livro juvenil, de uma forma que nenhuma outra mulher fora cantada, e esse é o embrião de sua obra máxima, a *Commedia*. Quando enuncia que é o Amor que o move, e que só por ele fala, Dante esclarece o papel fundamental dessa entidade em sua poesia. Assim, nessas duas obras dantescas a predileção pelo cântico do amor é irrefutável, apresentando-se em diferentes níveis, dos quais podemos compreender os quatro níveis que C. S. Lewis aborda ao falar sobre o tema. Analisando aspectos da lírica dantesca nessas duas obras, propomos como objetivo investigar a presença dos quatro tipos de amor: Afeição, Amizade, Eros e Caridade. Assim, buscamos identificar os diferentes aspectos do Amor, presentes em *Vita Nova* e na *Commedia*.

PALAVRAS-CHAVE: Dante Alighieri. C. S. Lewis. Amor. *Vita Nova*. *Commedia*.

INTRODUÇÃO

Quando se propõe falar em Dante Alighieri duas palavras nos vêm à mente: Beatrice e *Commedia*. A grande obra do poeta italiano, chamada por Boccaccio de *A Divina Comédia*, além de relatar sua viagem pelos três reinos além morte, também eleva sua amada de forma a "dizer dela o que nunca se disse de nenhuma" (ALIGHIERI, 2003, p.148). Beatrice foi o *leitmotiv* de Dante, a quem dedicou seu amor, tornando-se, a princípio, um servo da dama gentil e, posteriormente, um devoto fiel, cujo amor é capaz de purificá-lo e o devolver ao caminho correto da via. Assim, encontramos em Beatrice a ambiguidade característica das mulheres da Idade Média, ora vista como figura real, ora espírito cheio de sabedoria.

Nesse contexto, propomos um estudo não da figura de Beatrice, mas do sentimento despertado por ela em Dante Alighieri. Buscamos em *Vita Nova*, sua composição juvenil, e *Commedia* a compreensão e a evolução da figura do Amor à medida em que o poeta se torna mais maduro. Para tanto, faz-se necessário primeiro um entendimento da visão que sua época possui da figura do Amor, passando pelos filósofos/teólogos que influenciarão Dante Alighieri. Como um poeta a frente de seu tempo, Dante demonstra em suas obras o conhecimento das diferentes abordagens sobre o Amor e as combina, entrelaçando-as, tal como sugere C. S. Lewis (2009) ao discorrer sobre o tema, séculos depois. Entendendo que os amores humanos só poderiam ser considerados amores à medida em que se aproximavam do Amor que é Deus, Lewis estabelece distinções entre o Amor-Doação, mais próximo da força divina, o Amor-Necessidade, reflexo da necessidade humana de precisar dos outros e o Amor Apreciativo, contemplativo.

Desta forma, esse estudo se baseia na teoria desenvolvida por Lewis, não no sentido de enquadrar a obra dantesca a ele, mas por compreendermos que ela nos oferece um entendimento mais aprofundado da figura do Amor que Dante nos presenteia em suas obras, não apenas quando fala de sua amada dama gentil, mas também em suas interações ao logo de toda a *Commedia*.

IL SOMMO POETA

Dante [Durante] Alighieri nasceu em Florença a 25 de maio [junho] de 1265, em uma cidade marcada pela disputa entre os guelfos e os gibelinos, duas facções remanescentes de rixas do século XII e que se firmaram no século XIII como defensores do poder do imperador romano como autoridade absoluta na Europa, no caso dos gibelinos, enquanto os guelfos apoiavam o papado como poder supremo. Esse combate entre forças políticas havia começado 50 anos antes do nascimento de Dante e iria influenciar toda sua história. O poeta florentino cresceu na Florença sob o controle dos guelfos e encontrou, após anos de instabilidade e quase destruição da região, um local em consolidação, próspero e, também, em expansão. Entretanto, por volta de 1300 tal tranquilidade alcançada tornou-se insustentável frente à briga interna nos guelfos, que se dividiram entre brancos e negros, que defendiam a classe mercantil e a nobreza, respectivamente. Por manter-se alinhado aos pensamentos dos guelfos brancos, Dante foi convocado pelos negros a responder acusações criminais, não comparecendo ao julgamento e sendo condenado à morte. Assim, Alighieri jamais retornaria a por os pés em Florença, sendo exilado de sua cidade tão amada. Assim, podemos compreender a afirmação de R. W. B. Lewis, de que “a vida de Dante mesclava-se inteiramente à história de Florença” (2002, p. 17), assim como sua obra *Commedia* expressa sua paixão pela cidade, sua ira pela conspiração da qual foi vítima e seu desejo de retorno ao lar, como deixa transparecer em seus versos no Canto XXV do Paraíso:

Se mai continga che 'l poema sacro
al quale ha posto mano e cielo e terra,
sí che m'ha fatto per molti anni macro,

vinca la crudeltà che four mi serra
del bello ovile ov'io dormi' agnello,
nimico ai lupi che li danno guerra;

con altra voce mai, con altro vello
ritornerò poeta, e in sul fonte
del mio battesimo prenderò 'l cappello; (ALIGHIERI, 1998, v. 1-9).

A biografia do poeta florentino é extensa e repleta de pormenores, muitos dos quais retirados de sua própria obra, uma característica de Dante, visto que os poetas de sua época ou anteriores não falavam de si em suas produções. É por meio de *Vita Nova* que conhecemos seu amor por Beatrice, jovem que encontrou pela primeira vez aos nove anos, voltando a reencontrá-la aos dezoito anos, quando iniciou os poemas que comporiam sua obra juvenil ou a história de seus antepassados, com o encontro com Cacciaguida, trisavô de Dante, ocorrido no canto XV, e seguintes, do Paraíso.

“O fronda mia in che io compiagemmi
pur aspettando, io fui la tua radice”:
cotal principio, rispondendo, femmi.

Poscia mi disse: “Quel da cui si dice
tua cognizione e che cent' anni e piúe
girato ha 'l monte in prima cornice,

mio figlio fu e tuo bisavolo due: (ALIGHIERI, 1998, v. 88-94).

Além de produzir sua majestosa obra, Dante também foi um dos influentes poetas do *dolce stil nuovo*, fundado por Guido Guinizelli da Bolonha, entretanto, nomeado pelo poeta florentino no Canto XXIV do Purgatório. O estilo que se desenvolveu no século XIII, particularmente em Florença recebeu influência do Trovadorismo provençal, em especial o amor cortês, que é entendido como um princípio superior, capaz de elevar a alma, sendo um estímulo à perfeição do homem. Firmando-se na ambivalência do desejo do ser amado e o medo de tornar efetivo esse amor, podemos compreender a falta de uma unicidade nas descrições desse movimento, conforme explica Danielle Régnier-Bohler:

À época da gênese dos textos, o amor cortesão não é um conceito unânime. Esta representação plural define ora o amor de um cavaleiro por uma dama casada e inacessível, ora um amor mais carnal, portando adúltero, ora, ainda, o vínculo entre jovens que aspiram o casamento. (2002, p. 47).

Beatrice para Dante é inacessível, visto virem de níveis sociais distintos. Desde cedo Alighieri sabia que não poderia concretizar sua união com a jovem, pois seus casamentos já estavam definidos, visto serem frutos dos relacionamentos sociais e financeiros de sua época. Devemos recordar que Dante e Beatriz pertencem à Idade Média e os casamentos, como em outros períodos, eram uma transação comercial cuja finalidade era a união das famílias mais abastadas e a preservação de seus patrimônios.

Ainda, devemos compreender que a figura feminina encontrava-se sob influência de duas visões: a pecadora e a sacra. A primeira, fruto da misoginia pregada pelos clérigos do século XI, uma vez que a mulher, manchada pela ação de Eva, que sucumbiu à tentação da serpente e desobedeceu Deus, convencendo, ainda, Adão a segui-la no pecado, era acusada de ser a causadora do sofrimento da humanidade.

Já a segunda visão, que possibilita uma nova perspectiva da mulher amada e que influencia o *Dolce Stil Nuovo*, pode ser sentida a partir do século XII, com o aumento do culto à Virgem Maria. A Virgem foi associada ao papel de protetora e intercessora privilegiada junto a Deus, defensora da alma humana, como Dante expressa na oração de São Bernardo, no canto XXXIII do Paraíso. É Nossa Senhora quem protege os homens das forças malignas, proporcionando um vínculo entre a Santa e as outras mulheres, agora idealizada e cantada, capaz de trazer o homem perdido para os caminhos corretos.

Encontramos reflexo dessa visão na *Commedia*, visto que a Virgem intercede com Lucia por Dante, que perdido está. Lucia, de quem o poeta florentino é fiel adepto, pede a Beatrice que socorra Dante. Movida pelas palavras da santa e pelos próprios sentimentos, Beatrice vai ao Inferno e pede a Virgílio que seja guia do poeta, conforme podemos ver no Canto II.

l'amico mio, e non de la ventura,
ne la diserta piaggia è impedito
sí nel cammin, che vòlt' è per paura;
[...]
Or movi, e con la tua parola ornata
e con ciò c'ha mestieri al suo campare,
l'aiuta sì ch'í' ne sia consolata.

I' son Beatrice che ti faccio andare;
vegno del loco over tornar disio;
amor ni mosse, che mi fa parlare. (ALIGHIERI, 1998, v. 61-63; 67-72)

Mas não é apenas na *Commedia* que Beatrice possui uma ligação divina. Em *Vita Nova* ela é o “anjo juveníssimo”, que “Não parecia filha de homem mortal, mas de Deus” (ALIGHIERI, 2003, p. 92), não sendo apenas uma mulher de carne e osso.

OS AMORES

O tema do amor está presente nos estudos filosóficos e teológicos há muito tempo, aparecendo em Platão em sua obra *O Banquete*, em que nos apresenta a origem do Amor, personificado em Eros. Nos diferentes relatos sobre sua origem encontramos ao final uma visão não de Eros como divindade, mas como um selo, transformando-o em um intermediário entre os deuses e os mortais, estabelecendo-o como um bem dos homens, que estabelece uma relação entre o amador e o amado, não sendo nem bem nem mal por si só. E quando Aristóteles fala sobre o amor, na *Retórica*, apresenta-o como o querer para alguém um bem, atentando para o interesse do amado, e não o interesse do próprio. Assim, esse sentimento que se liga ao bem, ganha uma dimensão ética, a qual Aristóteles estabelece nos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco*. Ainda, em uma dimensão cósmica, o amor transforma-se em uma força que governa o mundo, bem como, ao ser ligado ao bem, funde-o com a temática da amizade. Desta forma, o amor para Aristóteles é o amor pelo mundo, quando o mundo faz bem. É alegria e não desejo, surgido pelo encontro, pelas pessoas que já estão lado a lado.

A visão de Aristóteles sobre a amizade pode ser encontrada no pensamento de São Tomás de Aquino, quando discorre sobre o Amor, fazendo a distinção de dois tipos: amor de amizade e amor de concupiscência. O primeiro dirige seu amor para o bem daquele que se quer esse bem e o segundo busca o bem para si mesmo ou outro qualquer, sendo o amor orientado para esse fim. Nesse mesmo estudo, São Tomás de Aquino resgata outras formas de amor, como a dileção e a caridade:

Há quatro palavras que, de certo modo, se referem à mesma coisa: amor, dileção, caridade e amizade. Diferem, contudo, em que a *amizade*, segundo o Filósofo no livro VIII da *Ética*, é “quase um hábito”; enquanto que *amor* e *dileção* se fazem compreender a modo de ato ou paixão, ao passo que caridade pode ser entendida de ambos os modos. Essas três palavras exprimem o ato, de diversas maneiras. Assim, o mais geral deles é o *amor*, pois toda dileção ou caridade é amor, mas não inversamente. A *dileção* acrescenta ao amor uma eleição precedente, como a própria palavra indica. Por isso, a dileção não está no concupiscível, mas somente na vontade, e apenas na natureza racional. A *caridade*, por sua vez, acrescenta ao amor uma certa perfeição, na medida em que se tem grande apreço por aquilo que

se ama, como a própria palavra o indica (TOMÁS DE AQUINO, ST, I^a II^{ae}, q. 26, a. 3, c. Grifos do autor).

Quando São Tomás de Aquino opera a distinção entre amor de amizade e de concupiscência, aproxima o amor com a mensagem cristã e com o caritas, o amor divino. Como para Aquino o amor de amizade é aquele que busca o bem do outro, ele se aproxima do preceito cristão - Amai uns aos outros como eu vos amei, como Jesus fala aos seus discípulos em João 13:34. Desta forma, o amor de amizade representa a possibilidade ou capacidade do homem amar de forma semelhante pela qual Deus amou o homem primeiro.

Assim como São Tomás de Aquino separa o amor em dois planos, C. S. Lewis também faz a distinção entre o amor humano e o amor divino. Levando em consideração a frase de São João, “Deus é amor”, o autor considerou que apenas poderiam ser chamados Amores os amores humanos “na medida exata em que se parecessem com o Amor que é Deus” (LEWIS, 2009, p. 1), por isso, ele faz a distinção em Amor-Doação e Amor-Necessidade. Entretanto, Lewis revela um defeito nessa classificação, elegendo um terceiro elemento no amor, o Amor Apreciativo. Nessa tripartição e elementos, o autor exemplifica seu alcance:

O Amor-Necessidade diz de uma mulher: ‘Não consigo viver sem ela’; o Amor-Doação deseja proporcionar a ela felicidade, conforto, proteção - e, se possível, riqueza; o Amor Apreciativo a contempla, e prende a respiração, e se cala, e se alegra por tamanha maravilha existir, mesmo que não para ele, e não se sente inteiramente deprimido por perdê-la, e preferiria perdê-la a jamais tê-la visto. (LEWIS, 2009, p. 25).

Assim, na combinação desses elementos, Lewis apresenta quatro tipos de Amor: Afeição, Amizade, Eros e Caridade. O primeiro refere-se ao afeto com a família, especialmente entre seus membros, sendo o “mais humilde e mais amplamente difundido dos amores” (LEWIS, 2009, p. 45), sendo que, “De todos os amores naturais, é o mais universal, o menos exigente, o mais amplo” (p. 53). Tal característica deve-se ao fato da afeição incluir o Amor-Doação e o Amor-Necessidade, não sendo o Amor Apreciativo essencial para sua formação ou estabilidade, o que torna esse amor esperado pelos homens, “inerente” e gratuito a ele. Por isso, o autor alerta para o equilíbrio entre esses dois elementos, para que a Afeição - Amor, não se torne um demônio, ora dominado pela Necessidade de recebê-la, ora pela Doação Abnegada em favor do outro, de forma a suplantar todos os outros sentimentos humanos, pois, nesse desequilíbrio, pode levá-la a se transformar em um deus.

Quando em equilíbrio, a Afeição, enquanto existência independente, “entra em nossa vida praticamente se insinuando ou se infiltrando. Vive de coisas humildes, nuas, particulares” (p. 49), entretanto, ela pode fazer parte dos outros amores, e nesse sentido, podemos encontrá-la em diversas passagens na *Commedia*, visto que é esse sentimento que envolve o poeta em sua trajetória. É graças à Afeição que se apodera de Dante que permite seu relacionamento com seu guia, Virgílio, em quem confia, de forma a torná-lo familiar e querido. Ainda, a Afeição é o primeiro sentimento que Dante exprime ao encontrar Cacciaguida, seu trisavô. Essa reunião, no canto XV do Paraíso, expressa essa familiaridade, mesmo que não conhecida a identidade do parente, que inunda-o de júbilo, sentimento este compartilhado também por Cacciaguida.

ond'io, che son mortal, mi sento in questa
disagguaglianza, e però non ringrazio
se no col core a la paterna festa.

Ben supplico io a te, vivo topazio
che questa gioia preziosa ingemmi,
perché mi facci del tuo sazio”. (ALIGHIERI, 1998, v. 82-87)

Ainda, a afetuosidade pode ser vista também quando Dante encontra seu mestre Brunetti Latino, no canto XV do Inferno. O poeta e o mestre vão, afetosamente, discorrerem sobre a política e o passado comum. A Afeição, que lá está entre os dois tornam-os conhecidos um para o outro, sendo-lhes um sentimento caseiro. Parece natural que Dante caminhe com Brunetto e, mais natural, que converse com o antigo mestre. Ou mesmo, é Afeição o que Dante demonstra a Francesca e Paolo no Canto V do Inferno, quando de apraz de sua história e seu destino, pois a “Afeição ‘não espera muito’, não presta atenção nos defeitos” (LEWIS, 2009, p. 54).

Assim, a Afeição torna-se importante para que a Amizade venha a se desenvolver, pois esta é a “menos *natural* dos amores: o menos instintivo, o menos orgânico, o menos biológico, o menos gregário e o menos necessário.” (LEWIS, 2009, p. 82, grifos do autor). Ela surgirá entre as pessoas que compartilha um interesse ou uma vida comum, formando uma forte ligação entre elas. Encontramos essa ligação entre Dante e Casella, o amigo que musicou um poema do poeta, no canto II do Purgatório:

Io vidi una di lor treis avante
per abbracciarmi, con sí grande affetto,
che mosse me a far lo simigliante.
[...]

Rispuosemi: “Cosí com’io t’amai
 nel mortal corpo, cosí t’amo sciolta:
 però m’arresto; ma tu perché vai?”.

“Casella mio, per tornar altra volta
 là dov’io son, fo io questo viaggio”, (ALIGHIERI, 1998, v. 76-78; 88-92).

Ainda podemos encontrar esse Amor na recepção que Dante recebe dos poetas no Limbo, no Canto IV do Inferno, que o aceita em seus meios, como um companheiro daquele grupo, composto por Homero, Horácio, Ovídio e Lucano, além de Virgílio.

Cosí vid’ i’ adunar la bella scola
 di quel segno de l’altissimo canto
 che sovra li altri com’ aquila vola.

Da ch’ ebber ragionato insieme alquanto,
 volversi a me con salutevol cenno,
 e ’l mio maestro sorrise di tanto;

e piú d’onore ancora assai mi fenno,
 ch’e’ sí mi fecer de la loro schiera,
 sí ch’io fui sesto tra cotanto senno. (ALIGHIERI, 1998, v. 94-102).

Dante, ao ser admitido naquele grupo, torna-se não apenas um dos grandes poetas conhecidos, mas também recebe a amizade deles, uma vez que compartilham um interesse em comum: a poesia. Segundo Lewis (2009), a “Amizade é o menos ciumento dos amores. Dois amigos adoram quando um terceiro se junta a eles, e três, quando se junta um quarto, desde que o recém-chegado esteja qualificado para tornar-se um amigo de verdade” (p. 87), pois na Amizade, “dividir não é diminuir” (p. 87). Nesse sentido, podemos compreender que Dante, ao tornar-se sexto no grupo, além de demonstrar seu alinhamento com os preceitos e ideais de seus componentes, é qualificado para figurar entre eles, digno de receber o Amor da Amizade. Ainda, o próprio desenvolvimento da Afeição de Dante e Virgílio, que começa pelo companheirismo e se torna a Amizade. Durante o percurso em que o guia faz com Dante, vemos essa modificação no comportamento dos poetas. Virgílio trata Dante como um filho, guiando-o, informando-o e alertando-o, e, caminhando lado a lado, eles buscam alcançar o Paraíso Terrestre, ponto onde o guia deixará o discípulo.

Seguindo na distinção dos amores, Lewis (2009) adentra a Eros. Importante ressaltar que para o autor faz uma distinção de Eros e sexualidade. Para o autor, o sentimento

carnal/sexual deve ser chamado Vênus, sendo que Eros não precisa desse sentimento para existir, visto que o “Eros faz um homem realmente querer não uma mulher, mas uma mulher específica. De algum modo misterioso mas indiscutível, o amante deseja a Amada mesma, e não o prazer que ela pode dar” (LEWIS, 2009, p. 131-132). Essa relação pode ser vista nos primeiros versos de Vita Nova. Dante não deseja o prazer que Beatrice pode dar, mas a própria Beatrice. Segundo o poeta florentino,

Doravante digo que o Amor se apoderou de minha alma, a qual foi por ele tão depressa desposada, e começou a tomar sobre mim tanta segurança e tanta senhoria, pela virtude que lhe dava a minha imaginação, que me convinha satisfazer completamente todos os seus prazeres. Ele mandava-me muitas vezes que procurasse ver esse anjo juveníssimo (ALIGUIERI, 2003, p. 92).

Dante, ao ver Beatrice pela primeira vez, torna-se vassalo de sua dama, exultando-a, amando-a. Essa vassalagem, fruto da influência do amor cortês, faz com que o poeta deseje a amada, mesmo que ela seja inalcançável, pois, como Lewis explicita, em Eros, uma Necessidade, em seu nível mais alto, enxerga o objeto como uma coisa admirável e importante em si mesma, muito além de sua relação com a necessidade do amante.

Amor e coração são uma coisa
Tal como diz do sábio em seu refrão.
E, assim, sem o outro, um existir só ousa
Como a alma racional sem a razão.

A Natureza fá-los, amorosa,
De Amor senhor, do coração mansão,
Dentro da qual ele a dormir repousa
Por breve ou por durável estação.

Surge, então, na mulher, a formosura
A qual seduz de tal maneira o olhar,
Que o desejo no peito nasce, ardente;

E nele, às vezes, tanto tempo dura
Que o espírito de Amor faz despertar.
E assim faz na mulher o homem valente. (ALIGHIERI, 2003, p. 116)

Entretanto, Lewis, como anteriormente já havia alertado, devemos evitar transformar os amores em deuses, pois, quando divinos, eles transformam-se em demônios. Podemos encontrar essa transformação do Canto V do Inferno, em que Eros deixa de ser um amor

natural. O casal Francesca e Paolo, ao sucumbirem ao Amor surgido entre eles, deixa-o transformar-se em um deus, e, assim, Francesca e Paolo, governados por essa divindade, são condenados, conforme podemos ver nos versos abaixo:

Amor, ch'al cor gentil ratto s'apprende,
prese costui de la bella persona
che mi fu tolta; e 'l modo ancor m'offende.

Amor, ch'a nullo amato amar perdona,
mi prese del costui piacer sí forte,
che, como vedi, ancor non m'abbandona.

[...]

Quando leggemmo il disŷato riso
esser baciato da cotanto amante,
questi, che mai da me no fia diviso,

la bocca mi baciò tutto tremante,
Galeotto fu 'l libro e chi lo scrisse:

quel giorno piú non vi leggemmo avante". (ALIGHIERI, 1998, v. 100-105; 133-138).

Eros foi louvado pelo casal Francesca e Paolo sem reservas e obedecido incondicionalmente e, conforme Lewis explica, Eros, é, de todos os amores, “o que mais se parece, em seu auge, com um deus; portanto, é o que mais tende a exigir que o adoremos. Por si mesmo, ele tende a transformar o ‘apaixonar-se’ numa espécie de religião” (2009, p. 153).

Por fim, Lewis (2009) apresenta como último amor a Caridade. Para ele, esse é o maior dos amores, ao qual os amores naturais - Afeição, Amizade e Eros, devem estar subordinados, pois aquele é o amor de Deus. O autor parte das palavras de Santo Agostinho em suas *Confissões*, quando o Santo propõe a entrega de seu coração a Deus após a desolação sofrida com a perda do amigo. Para Lewis (2009), essa entrega de Santo Agostinho é apenas uma tentativa de estar a salvo do sofrimento, o que para o autor não é possível, visto que amar é colocar-se vulnerável. Dante coloca-se vulnerável ao Amar Beatrice, sua “nobilíssima alma”. Sua morte causa-lhe uma dor profunda, de tal modo que o poeta viu-se doente:

Poucos dias, sucedeu que, em uma parte da minha pessoa, me veio uma dolorosa enfermidade pela qual sofri continuamente por nove dias amaríssima pena, a qual me levou a tanta debilidade que eu era obrigado a ficar como aqueles que não podem mover-se. Digo que, no nono dia, sentindo-me doer quase intoleravelmente, me pus a pensar em minha amada. E já tendo pensado nela um pouco, voltei a pensar em minha debilitada vida, e vendo quão lábil era a sua duração, ainda que

sadia, comecei a lamentar-me comigo mesmo por tanta miséria. Então, suspirando forte disse comigo: “Necessariamente a gentilíssima Beatriz morrerá um dia.”. Por isso, veio-me tão forte perturbação que fechei os olhos e comecei a atormentar-me como treloucado... (ALIGHIERI, 2003, p. 120).

Lewis (2009) vai trazer, ainda, que a Caridade é o Amor-Doação, tal como o de Deus para com os homens. Cristo doou-se por amor aos homens, e seu Amor - a Caridade, deve agir sobre os amores naturais dos homens, tornando-os mais suaves. Conforme Denis de Rougemont, o

amor de caridade, o amor cristão, que é Ágape, aparece enfim em sua plenitude: é afirmação do ser em ato. [...] foi Eros, e não Ágape, que glorificou o nosso instinto de morte e quis idealiza-lo. Mas Ágape vingou-se de Eros, salvando-o. Porque Ágape não sabe destruir e nem quer destruir aquilo que destrói: [...] Eros se escraviza à morte porque quer exaltar a vida acima de nossa condição finita e limitada de criaturas. Assim, o mesmo movimento que faz com que adoremos a vida os precipita em sua negação. É a profunda miséria, o desespero de Eros, sua servidão inexprimível: exprimindo-a, Ágape o liberta. (2003, 416).

É esse amor que Amor que encontramos por todo o Paraíso, na Commedia. É esse Amor-Doação que faz com que Beatrice desça ao Inferno e solicite que Virgílio guie Dante pelos reinos, de forma a auxiliá-lo na compreensão do Amor que é Deus. Ainda, é a Caridade da Virgem Maria que salva Dante, permitindo que o poeta florentino, após conhecer o amor, retorne à terra, mundo dos vivos, como podemos ver no Canto XXXIII do Paraíso:

“Vergine Madre, figlia del tuo figlio,
umile e alta piú che creatura,
termine fisso d’eterno consiglio,
[...]
La tua benignità non pur soccorre
a chi domanda, ma molte fiata
liberamente al dimandar precorre. (ALIGHIERI, 1998, v. 1-3; 16-18).

O que podemos compreender, à luz dos amores elencados por C. S. Lewis é que há uma evolução deles, de forma a buscarem alcançar a graça divina, o Amor que é Deus, Doação. Dante é guiado, no Paraíso, por Beatrice, que a todo instante revela ao poeta a força desse amor, uma vez que ela é, como Dante diz, no Canto XXIII, “Ó divina Beatriz, ó puro amor!” (ALIGHIERI, 2006, v. 34), uma imagem da Caridade. Assim, Dante compreende, com o auxílio de seus guias, que o Amor é, antes de tudo, salvador, capaz de ligar o homem a

Deus, e nessa ligação, transformá-lo e reaproxima-lo da força divina, afinal: aquele Amor-Doação é “l’amor che move il sole e l’altre stelle” (ALIGHIERI, 1998, v. 145, Par. XXXIII).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Trad. e notas de Italo Eugênio Mauro. São Paulo: Ed. 34, 1998. 3v.
- _____. *Vida Nova*. Trad. Carlos Eduardo Soveral. 3.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.
- LEWIS, C. S. *Os quatro amores*. Trad. Paulo Salles; rev. Omar de Souza. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- LEWIS, R. W. B. *Dante*. Trad. José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Amor cortês. Trad. L. M. Mongelli. In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J.-C. (org.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial; Bauru: EDUSC, 2002, v. 1. p. 47-55.
- ROUGEOUMONT, Denis de. *História do Amor no Ocidente*. São Paulo: Ediouro, 2003.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2003. v. III, V e VI.